

O PANORAMA.

Jornal litterario e instructivo.

PUBLICADO PELA SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

Aos Leitores.



PANORAMA enceta hoje o sexto anno da sua existencia. Durante os cinco precedentes elle ajudou, como e quanto pôde, a ajuntar algumas pedras para o edificio, que a imprensa mais que ninguem vai levantando em nossa terra — o edificio da civilização nacional.

A empresa deste periodico deve dar aqui um testemunho de gratidão e de justiça: — durante esses cinco annos o publico portuguez tem comprehendido o seu pensamento de patriotismo, e recompensado a diligencia que se tem posto em o desenvolver. Quer no continente, quer nas provincias do archipelago dos Açores, e da Madeira, tem o Panorama achado numerosos e constantes leitores.

Igualmente o Brasil — esse novo e vigoroso tronco da antiga arvore portugueza, respondeu ao sincero convocar do Panorama para a propagação dos conhecimentos e boas idéas. Os nossos irmãos d'alem mar acolheram com favor o trabalho de alguns homens, desconhecidos para elles, em proveito de todos os que fallam a formosa lingua portugueza. Se as circumstancias e os factos, se a força irresistivel do tempo nos desuniu politicamente, a identidade de linguagem, de crenças, e d'avós, conservará perpetuamente entre o Brasil e Portugal um laço de fraternidade que nenhuns acontecimentos podem partir — os laços invisiveis, mas duradouros, da intelligencia.

A acceitação protectora de dois povos, um rico de tradições e renome, outro de futuro e de esperanças — é a recompensa mais grata de nossas litterarias tarefas — tarefas a que, no anonymo em que se envolve modestamente a redacção de uma obra periodica, falta o aguilhão da gloria, e que só podem ser animadas pela voz da intima consciencia, que nos assegura termos contribuido, quanto em nós cabe, para melhorar os homens por meio do derramamento das luzes.

Guiados por esta consciencia, pagos pela boa sombra que para nossas diligencias encontramos no cantinho da Europa em que nascemos, e nesse vasto e prospero imperio d'alem do Atlantico, que tão amigo nos tem sido,

JANEIRO 1.º — 1842.

continuaremos a desempenhar o mister que impoemos a nós proprios nesta publicação.

Desde que o Panorama começou, elle tem visto surgir á roda de si um grande numero de escriptos analogos: sinceramente tem saudado esse apparecimento de novos obreiros da civilização; tambem sinceramente tem deplorado a retirada daquelles que não se creram com forças de continuarem a accarretar pedra e cimento para a grande obra de nacionalidade, que a patria exige da imprensa. Como um esquadrão cerrado, as publicações populares erguem-se cada vez que a Europa nos brada: *barbaros!* — e respondem-lhe: *mentes!* —

Um periodico destes de recente data, e distincto pela sua variedade e pela pureza de dicção com que é escripto, trouxe á luz um quadro comparativo da imprensa periodica de Portugal e d'Hespanha: a vantagem no numero de publicações era indubitavelmente nossa, atenta a povoação quadrupla daquelle paiz. Nós quizeramos que igual comparação se instituisse com a litteratura volante das outras nações, de um modo mais completo: quizeramos que cada periodico appresentasse com verdade a estatistica da sua extracção, para compararmos os resultados com as estatisticas analogas da imprensa estrangeira, attendendo no calculo á differença numerica de cada um dos povos. Estamos persuadidos de que deste ajuste de contas não sahiria desairosa a civilização portugueza.

Em Portugal lê-se muito: é esta uma verdade de que temos intima convicção. Nós por esta parte não deshonorámos a grande familia europeá. Porque pois havemos de ser accusados de uma ignorancia excepcional? É a profunda impressão, que em nós produz tão atroz injustiça, que nos faz abençoar sempre o apparecimento de um novo pelejador, que desminta essa calumnia, e lamentar a falta do que se retrahе de tão honrosa peleja.

Bem sabemos que o povo allemão, inglez, o suizo, e ainda o francez levam vantagem ao nosso em habitos de leitura e em buscar instrucção. Não nos cega o orgulho nacional a ponto de o negarmos: mas essas nações tem

2.ª SERIE — VOL. I.

sido impellido pela força publica ou pelo espirito de associação a entrarem na verdadeira estrada do progresso intellectual: a nossa deve á diligencia individual dos seus filhos a melhoria d'instrucção popular, que de alguns annos a esta parte nella incontestavelmente se encontra. Ali o ensino publico como vasta rede abrange todas as classes de cidadãos, habilita-os para a instrucção, facilita-lha, convida-os para ella: — aqui o ensino desamparado, moribundo, dificultado por mil contradicções e barreiras, que se oppoem ao seu desenvolvimento, nada ou pouquissimo tem ajudado a civilisação do povo portuguez. Se attendermos a estas circumstancias, como ousaremos dizer que os portuguezes teem feito pouco para acompanharem o movimento progressivo da Europa? Aos outros tem-se dito, tem-se mostrado, tem-se constringido a entender que a instrucção é, depois do christianismo, a primeira necessidade, a primeira crença deste seculo. Ensina-lho a auctoridade, a experiencia e a força. A nós quem no-lo ensina? Apenas um generoso instincto. O povo adivinhou que da imprensa popular lhe viria em grande parte o baptismo da regeneração.

Sacerdotes humildes desta nova religião, que nasceu do christianismo, que vive com elle, e que, não na doutrina, mas nos beneficios o completa, procuraremos adstringir-nos ás regras que no desempenho de nosso ministerio puzemos a nós proprios. São as principaes: — crear com leituras facéis o habito de lêr: tirar á instrucção o que ella tem ás vezes de desabrido com o attractivo do deleite: respeitar sempre a moral publica: deixar a actualidade social aos politicos. Se nem sempre temos cumprido as primeiras, de certo nunca offendemos as ultimas. Aquellas dependem de engenho, e nem sempre o engenho dos homens lhes obedece, ainda aos que valem cem vezes mais que nós: estas estão na alçada da vontade, e a vontade deve ser firme, sempre que haja a cumprir um importante dever.

Não faremos promessas: o nosso passado seja o fiador do futuro: por aquelle afira o pu-

blico este no que nos toca. Pelo que pertence á parte material do Panorama, ahí estão os cinco volumes da serie primeira para attestarem a diligencia e cuidado da empresa em successivamente emendar defeitos e em promover melhoramentos typographicos, e a maior nacionalidade nas gravuras.

Este primeiro numero [em cujo ádito estampamos estas breves e ingenuas considerações] e os que se lhe seguirem prestarão nova e evidente prova do desvelo com que a empresa attende á publica accitação, correspondendo-lhe com melhoramentos progressivos. Mudou-se de typo, mas este é de fundição nacional como o antigo; e alem da elegancia que agrada aos olhos tem a vantagem de os não cançar na leitura, circumstancia de que muitos assignantes se queixavam, uns em rasão da idade, outros da fraqueza do orgão visual, outros era fim porque só leem nas horas nocturnas quando descansam das fadigas diarias. Conseguiu-se este fim, sem que por isso a edição venha a ser menos compacta do que até o presente era. Talvez que tão aturado desvelo na perfeição typographica não tenha sido o menor e menos custoso trabalho empregado nesta publicação.

Abrimos uma segunda serie: este volume, primeiro della, seguirá numeração nova em numeros e volumes, como se o jornal de novo principiasse. Não nos moveu tanto a esta alteração a mudança do typo, como o ser já onerosa no custo para a pluralidade dos leitores futuros a collecção inteira; e o vermos que esta em pouco ficará rara, exhaustas as reimpressões, que para a completar fizemos; e que por consequencia os novos subscriptores, que não obtiverem os volumes da primeira serie, lograrão ter em suas estantes os da segunda sem interrupção numerica, evitando o afeamento que na conta dos bibliophilos tem descontento, e que aos curiosos desagrada. A divisão por series remove os inconvenientes: e quando em abalizados jornaes estrangeiros não tivéssemos exemplos, seria a rasão boa conselheira para a adoptarmos.

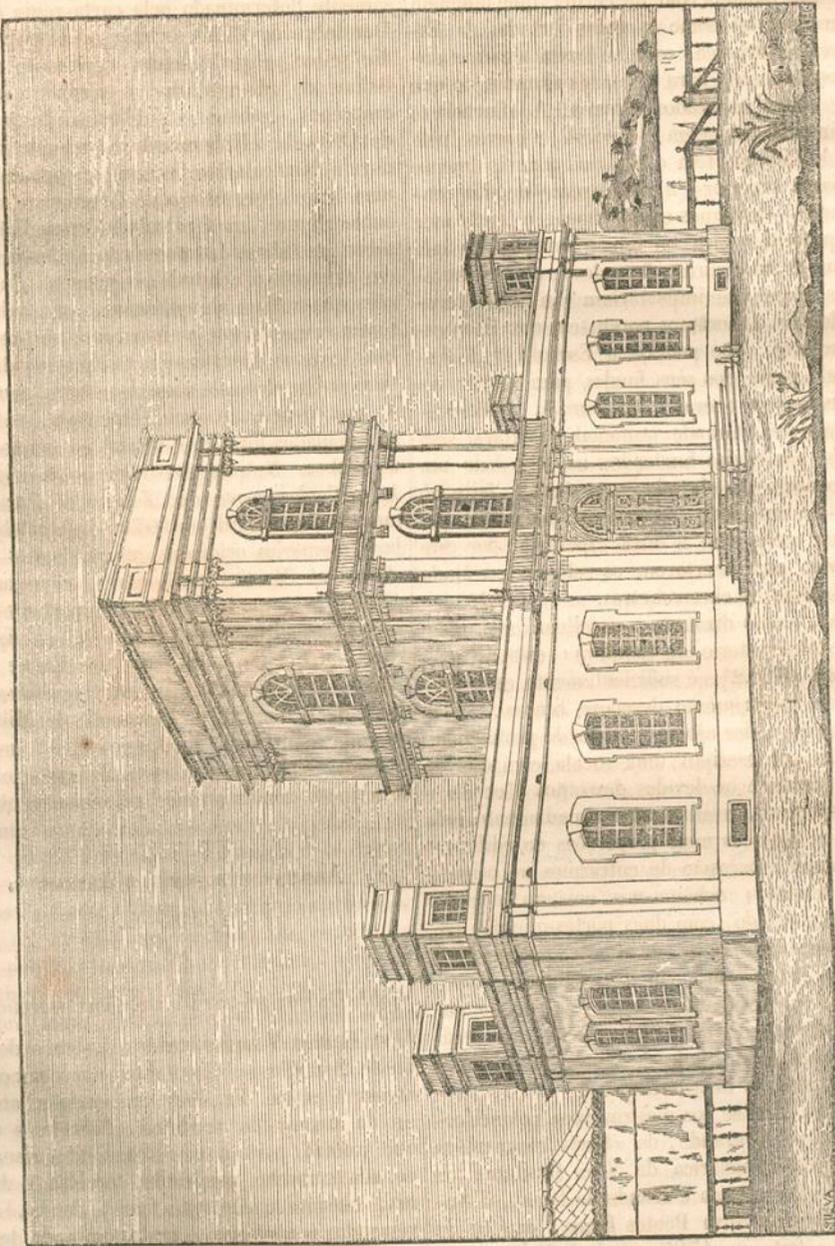
Os RR.

OBSERVATORIO DE COIMBRA.

ENTRE os muitos edificios, de rica e variada architectura, que servem de ornamento á rissonha Coimbra, talvez que nenhum tenha captivado mais olhos do que o do observatorio astronómico. A situação elevada em que foi construido, e a sua apparencia esbelta e pouco vulgar são incentivos poderosos que chamam e atrahem a attenção, — ainda dos menos entendedores.

A gravura que offerecemos nos fórra á descripção do que seja este edificio exteriormente; ou para melhor dizer quasi nos obriga a não entrarmos em tal assumpto. — E por isso logo que houvermos exposto as seguintes particularidades, que nos interessam, subiremos os cinco degraus que dão accesso ao edificio, e demorarnos-hemos no exame do interior que mais carece de descripção. —

O observatorio fecha, do lado do sul, o pateo da Universidade, donde é tirada a vista que offerecemos. Está livre de abalos ocasionados pelo rodar dos carros nas calçadas, condição essencial a que deve satisfazer todo o local destinado para observações. — Foi, ao que parece, a necessidade de obter esta condição o que deu logar a abrir mão do primitivamente projectado no logar do Castello, em cujo alicerce ou base, já adiantada, se haviam gas-



OBSERVATORIO ASTRONOMICO DE COIMBRA.

to alguns contos de réis. — O observatorio, — bem como o magestoso edificio da Historia-Natural, e pôde dizer-se quasi tudo quanto ha de melhor na Universidade — são obra desse dede gigante que imprimiu grandeza onde quer que tocou: — são obra do ministerio do marquez de Pombal, que em Coimbra teve a fortuna de encontrar para o coadjuvar o illustre e virtuoso bispo-conde reformador-reitor D. Francisco de Lemos. As facultades de Mathemati-

ca e Sciencias naturaes são creação do tempo da reforma de elrei D. José. A astronomia practica em Portugal foi brindada com um observatorio excellente. Não accrescentámos o voto de preferencia decidida ao de Lisboa, porquanto, nesta capital, é cousa que em nossa opinião não existe. Não de certo: que ninguem ousará dar tal nome ás aguas-furtadas da Eschola Polytechnica, onde se fazem algumas observações, mais para lição dos alumnos do que para obter resultados seguros. A affluencia e continuada passagem de seges e carros pela rua do Collegio tem o edificio, principalmente na parte superior, n'um estremecimento continuado. — Sabemos que já houve a lembrança de aproveitar para tal fim a varanda da mão d'agua ás Amoreiras, fazendo-se ahi as necessarias obras que importariam em alguns contos de réis. Ignorámos porem em que ficou esse projecto. Não poderia a Eschola ir já destinando parte dos seus fundos para o pôr em execução sem onerar o thesouro? . . . Parece-nos que sim. Grande vantagem resultaria sem d'vida aos navios fundeados no Têjo, de um observatorio tão elevado: um signal, feito ao meio dia em ponto, serviria aos maritimos que do mar estivessem á mira esperando por este instante, para acertarem os relogios ou ainda rectificarem os chronometros.

Mas, como diziamos, excellente é o edificio do observatorio de Coimbra: está na latitude de 40° 12': é sufficientemente espaçoso: tem de comprimento dezenove braças, — dez e meia na maior altura e cinco de profundidade. Eis por escripto uma escala com que se pôde, fazendo os devidos descontos á optica e á perspectiva, avaliar approximadamente pela estampa todas as mais proporções do edificio.

Chegou a occasião de entrarmos no primeiro pavimento; achâmo-nos em um pequeno quarto quadrado, com duas portas que dão para as salas contiguas, ás quaes correspondem de cada lado as duas janellas visinhas á entrada. Na da direita fica a aula de Astronomia, convenientemente adereçada: á mão esquerda está outra igual, hoje destinada para conter em deposito os instrumentos que não tem assento fixo. Ahi se nos mostrou uma notavel copia, em ponto grande, da «Carta geographica de Projecção espherica da Nova Lusitania ou America Portugueza e Estado do Brasil, d'Antonio Pires da Silva Pontes Leme, capitão de fragata» feita em 1797 por J. J. Freire e M. T. da Fonseca. — Pegado a esta sala, no extremo do edificio que na estampa nos fica mais proximo, ha dois gabinetes, que servem de archivar livros e papeis. — Entre os primeiros achámos acertado que ahi se guarde uma col-

lecção completa das laboriosas Ephemerides astronomicas que a Universidade tem publicado, com pequena interrupção, desde o tempo do sabio José Monteiro da Rocha até o presente. Sahiram as primeiras no anno de 1803, referidas ao seguinte de 1804, o que fôra expressamente determinado pela carta regia de 4 de Dezembro de 1799 escripta ao bispo reformador-reitor, a qual, dando organisação aos trabalhos do observatorio, e creando para isso empregos, ordenou a publicação desde o anno de 1804 da «Ephemeride astronomica não reduzida [são palavras formaes] e copiada do Almanak do observatorio de Greenwich, nem de outro algum, mas calculada immediatamente sobre as taboas astronomicas.» Assim se poz em execução; comtudo as pequenas interrupções que soffreu alguns annos a sua publicação foram causa de que os maritimos portuguezes e brasileiros se habituassem ás Ephemerides nauticas publicadas pela nossa Academia, com grande precedencia ao anno respectivo, reduzindo as calculadas fóra de Portugal ao tempo medio de Lisboa. Notorios são como mais originaes: 1.º o *Conhecimento dos Tempos* de Paris, começado por Picard em 1679, hoje celebre por boas memorias originaes que publica: — 2.º o *Almanack Nautico* de Londres, começado em 1767, e ao qual se fizeram importantes alterações nos ultimos dez annos: 3.º as *Ephemerides* de Berlin, publicadas por Encke desde 1830, em seguimento ao *Astronomisches Jahrbuch* de Bode: 4.º o *Almanack* de Milão começado em 1755 por Caesaris: 5.º as mencionadas Ephemerides deste observatorio, cuja descripção continuaremos no seguinte numero.

ARRIHAS POR FORO D' HESPAÑHA.

1371 — 3.

IV

Mil Dobras pé-terra e trezentas Barbudas.

MAL Fernão Vasques travára do braço do conde de Barcellos, e a grita popular começára a atroar a praça, Fr. Roy, escoando-se ao longo da parede do mosteiro, dobrára a quina que voltava para a corredoura (1) e seguindo seu caminho por viellas torcidas e desertas, chegára á porta do ferro, donde, atravessando o contiguo e malassombrado terreirinho, em que os raios do sol apenas rapidamente passavam, embargados ao nascer pelos enormes campanarios da cathedral, e ao pôr-

(1) A corredoura era uma rua que passando ao sopé do monte do Castello, e por detraz de S. Domingos, dava passagem do centro da cidade para Valverde [hoje passeio publico e Salitre].

se pelos pannos e torres da muralha mourisca — chegára esbaforido a S. Martinho. A porta do paço estava fechada: mas a da igreja estava aberta. Entrou. Ao lado direito uma escada de caracol descia da tribuna real para a capella-mór, e a tribuna communicava com o palacio por um passadiço que atravessava a rua. O beguino olhou ao redor de si, e escutou um momento: ninguem estava na igreja. Subindo rapidamente a escada, Fr. Roy atravessou o passadiço e encaminhou-se, sem hesitar no meio dos corredores e escadas interiores, para uma passagem escura. No fim della havia uma porta fechada. O monge vagabundo parou, e escutou de novo. Dentro altercavam tres pessoas: Fr. Roy bateu devagarinho tres vezes, e poz-se outra vez a escutar.

Ouviram-se uns passos lentos que se approximavam da porta; e uma voz esgançada e colerica perguntou: «Quem está ahí?»

«Eu:» respondeu o beguino.

«Quem é eu? replicou a voz.

«Honrado D. Judas, é Fr. Roy Zambrana, indigno servo de Deus, que pretende fallar a elrei ou á mui excellente senhora D. Leonor para negocio de vulto.»

«Abre, D. Judas, abre!» disse outra voz que pelo metal parecia feminina, e que soou do lado opposto do aposento.

A porta rodou nos gonzos e o eremita entrou.

Era o lugar em que Fr. Roy se achava uma quadra pequena, allumiada escaçamente por uma fresta esguia e engradada de grossos varões de ferro, a qual dava para uma especie de saguão, ainda mais acanhado que o aposento. A abobada deste era de pedra; de pedra as paredes e o pavimento: ao redor viam-se por unico adereço muitas arcas chapeadas de ferro. O monge entrára na casa das arcas da coroa — do *recabedo do regno*. As duas personagens que ahí estavam, afora a que abrira a porta, eram D. Fernando e D. Leonor. Elrei estava em pé curvado sobre uma das arcas, com a fronte firmada sobre o braço esquerdo e folheando um enorme volume de folhas de pergaminho, cujas guardas eram duas alentadas taboas de castanho, forradas exteriormente de couro cru de boi, ainda com pello (2). D. Leonor, tambem em pé por detraz d'elrei, olhava attentamente para as paginas do livro. O que abrira a porta era o thesoureiro-mór D. Judas, grande affeição-do de D. Leonor, e valido d'elrei. O judeu

apenas voltára a ponderosa chave, sem volver sequer os olhos para o recém-chegado, tornára immediatamente para ao pé da arca a que elrei estava encostado, e proseguira a vehemente conversação cujos ultimos ecchos Fr. Roy ouvira ao approximar-se. . . .

«Mil dobras pé-terra, e trezentas barbudas, são todo o dinheiro que o vosso fiel thesoureiro vos pôde apurar neste momento, respigando como a pobre Ruth no campo do vosso thesouro, ceifado, e bem ceifado [aqui o judeu suspirou] por aquelles que talvez menos leaes vos sejam. Jurar-vo-lo-hei sobre aoura, se o quereis, que não fica em meu poder uma poçea.»

Elrei não o escutava. Apenas Fr. Roy entrára, D. Leonor se havia encaminhado para o beguino, e lançando-lhe um olhar escrutador, lhe perguntára com visivel anciedade:

«Ermitão, a que voltaste aqui?»

«A cumprir com minha obrigação, apesar de vós me terdes dado hontem por quite e livre: — vim a dizer-vos que a estas horas talvez tenha já corrido sangue no rocio de Lisboa, e que é espantoso o tumulto dos populares contra os do conselho, e contra os senhores e fidalgos da casa e valia d'elrei.»

Fôra á palavra *sangue* que D. Fernando havia cessado de attender á voz esgançada do thesoureiro-mór, que continuava em tom de lamentação:

«Bem sabcis, senhor, que tenho empobrecido em vosso serviço, e que hoje sou um dos mais mesquinhos e miseraveis entre os filhos d'Israel. Aonde irei eu buscar dois mil maravedis velhos d'Alemdouro, que são em moeda vossa trezentos e noventa mil soldos?» (3).

(3) O maravedi velho de ouro ou de *Alem-Douro* [chamado assim para o distinguir do maravedi de 15 soldos, que era aquelle pelo qual se regulavam as quantias dos que vingavam soldo ou *maravedis* [a que se chamava da Estremadura] valia 27 soldos, isto é, menos de libra e meia das antigas, cada uma das quaes era igual a 20 soldos. A dobra d'ouro conhecida pelo nome vulgar de *pé-terra*, mandada lavar por D. Fernando tinha o valor legal de 6 libras, e por tanto era mui superior nominalmente ao antigo maravedi, excedendo-o em preço mais de 4 vezes. — Todavia, bem pelo contrario, o valor real d'uma dobra *pé-terra* era inferior ao do maravedi velho na razão de 20 para 32½.

A alteração da moeda feita por D. Fernando no principio do seu reinado confundiu e transtornou completamente o antigo systema monetario: as barludas das quaes havia 53 em cada marco da lei de 3 dinheiros, vinham a ser iguaes ás libras novas deste rei, por que produzindo até ahí um marco de lei de 11 dinheiros 27 libras ficou em a nova moedagem produzindo 165, o que, dada a differença do toque entre o marco de lei, e o marco das barbudas, tornava cada uma destas a mesma cousa que a libra. Por outra parte equivalendo cada libra a 20 soldos, moeda sem valor intrinseco, vinha o marco de lei a ser representado por 3:900 soldos, e assim o antigo maravedi d'ouro, correspondente á vigesima parte de um marco de prata, correspondia realmente a 195 soldos, ao passo que cada *pé-terra* sendo o mesmo que 6 libras, não valia mais de 120 soldos, isto é ficava para aquella moeda na razão de 20 para 32½.

(2) Para não enfiar os leitores com um sem numero de notas declaramos por uma vez que todos os costumes e objectos que descrevemos são exactos e da epocha, porque para taes descrições nos fundamos sempre em documentos ou monumentos.

«Sangue, dizes tu, beguino? — exclamou elrei — Oh, que é muito! — A quem se atreveram assim esses populares malditos?»

«Eu proprio vi o nobre conde de Barcellos travar-se com Fernão Vasques; mui grande numero de bésteiros, e peões armados d'azevans rodeavam já o alpendre de S. Domingos, e os clamores de *morrão os traidores* atrovavam a praça.»

«Que me dêem o meu arnez brunido, a minha capelina de camal, e o meu estoque francez: gritou D. Fernando escumando de colera. Eu irei a S. Domingos, e salvarei os ricos-homens de Portugal, ou acabarei ao pé delles. Pagens! — onde está o meu donzel d'armas?»

«O teu donzel d'armas, rei D. Fernando — interrompeu com voz pausada e firme D. Leonor — segue com os outros pagens caminho de Santarem, montado no teu cavallo de batalha. Aqui só tens a mula de teu corpo (4) para seguires jornada.»

«Mas o conde de Barcellos? — O meu leal conselheiro, deixa-lo-hei despedaçar pelos peões desta cidade abominavel? Lembra-te de que é teu tio; que foi o teu protector, quando o braço de D. Fernando ainda se não erguera para te coroar rainha.»

«Rei de Portugal, és tu que deves lembrar-te delle, quando o dia da vingança chegar. Então cumprirá que os traidores e vis te vejam montado no teu ginete de guerra. Hoje não podes se não deixar entregue á sua sorte o nobre D. João Affonso, e os senhores que são com elle; mas não te esqueça que se o seu sangue correr, todo o sangue que derramares para o vingar será pouco, como serão poucas todas as lagrymas que eu verterei sem consolação sobre os teus veneraveis restos. Combatêres? Ajudado por quem, n'uma cidade de revolta? Os homens d'armas de teu castello quebraram seu preito, e tumultuam na praça: muitos de teus ricos-homens estão conjurados contra ti: teu proprio irmão o está. Partir! partir! — Ha quantas horas sabes tu que a ultima esperança está no partir breve? Por que depois de tantas hesitações ainda hesitar uma vez? Asseguremos ao menos a vingança, se não podemos salvar aquelles, que leas a seu senhor se foram expor á furia de homens refeces e crús, para esconder nossa fuga . . . fuga, que é o seu nome!»

O furor e o despeito revelavam-se nas faces e labios esbranquiçados da adultera, e a afflic-

(4) Os cavalleiros quando se punham a caminho costumavam cavalgar em mulas, como animaes mais rijos e pesantes que os cavallos; nestes montava um pagem ou donzel. Veja-se principalmente a lei de D. Alfonso 3.º sobre os que vão a cas d'elrei.

ção e temor comprimidos, n'uma lagryma que lhe rolou insensivelmente dos olhos. Era uma das rarissimas que derramára na sua vida.

Elrei tinha-a escutado immovel. Desacostumado a ter vontade propria, desde que [como dizia o povo] esta mulher o enfeiticára, ainda mais uma vez cedeu da sua resolução, se não d'homem cordato, ao menos de valoroso, e respondeu em voz sumida:

«Partamos. — E seja feita a vontade de Deus!»

«Amen!» — murmurou o beguino.

«Eremita — interrompeu D. Leonor, voltando-se para Fr. Roy — corre já ao rocio, e diz em voz bem alta aos populares amotinados, que me viste partir com elrei caminho de Santarem. Talvez assim o conde seja salvo, porque a furia desses vis sandeus se voltará contra mim. Dize-o, que dirás a verdade: quando lá houveres chegado, o meu palafrem terá já transposto as portas da cruz. Guardae-vos, mesquinhos, que elle a torne a passar com sua dona. Frade! — esse dia será aquelle em que a adultera pague todas as suas dividas!»

Fr. Roy sentiu pela medula dorsal o mesmo calafrio que sentira na noite antecedente; porque o olhar que Leonor Telles cravou nelle era diabolico, e a palavra — *adultera* — proferida por ella, soava como um dobrar de campá, e vinha como envolta n'um halito de sepulchro: o beguino arrependeu-se desta vez mui seriamente, de ter sido tão miudo e exacto na parte official que appresentára na vespera. Callou-se todavia, e sahiu com o seu ademan do costume — cabeça baixa e mãos cruzadas no peito.

Os tres ficaram outra vez sós.

«D. Judas, meu bom D. Judas: — disse elrei com um gesto d'afflicção — eu não entendo estas embrulhadas letras mouriscas da tua arithmetica. Estou certo de que não deves ao thesouro real uma unica mealha, e de que nas arcas do haver não existe senão o que tu dizes: mas de certo não queres que um rei de Portugal caminhe por seu reino como um romeiro mendigo. Ao menos os dois mil maravedis d'ouro. . . »

«Ai! — suspirou o thesoureiro-mór — juro a vossa real senhoria que me é impossivel achar agora outra quantia maior que a de mil dobrás pé-terra e trezentas barbudas.»

«Fernando — atalhou Leonor Telles — ordena aos moços do monte que ahi ficaram que enfriem as mullas: devemos partir já. É tão meu affeioado D. Judas, que com duas palavras eu obterei o que tu não podeste obter com tantas rogativas.»

Ella sorriu alternativamente com um sorriso angelico para elrei e para o thesoureiro-mór. D. Fernando obedeceu, e alevantando o reposteiro que encobria uma porta fronteira áquella por onde entrára o beguino, desapareceu. O thesoureiro ia a fallar; mas ficou com a boca semi-aberta, o rosto enfiado, e como petrificado, vendo-se a sós com D. Leonor. Era que já a conhecia havia largos tempos!

«D. Judas — disse esta em tom mavioso — tu hasde fazer serviço a elrei para esta jornada. Darás os dois mil maravedis velhos.»

«Não posso!» — respondeu D. Judas com voz tremula e afogada.

«Judeu! — replicou D. Leonor apontando para um cofre pequeno, que estava no canto mais escuro do aposento, cuberto de tres altos de pó — o que está naquella arca?»

O thesoureiro-mór hesitou um momento, e depois balbuciou estas palavras:

«Nada — ou para fallar verdade — quasi nada. Bem sabeis que dantes eu alli guardava algumas mealhas, que me sobejavam de minha quantia, mas ha muito que nem essas poucas mealhas me restam.»

«Vejamos, todavia:» — tornou D. Leonor, cujo aspecto se carregava.

«Misericórdia!» — bradou D. Judas com indizível agonia. Mas reportando-se, por um destes arrojões que inspiram os grandes perigos, procurou disfarçar o seu susto — continuando com um riso contrafeito:

«Misericórdia, digo; — porque fôra mais facil achar entre os amotinados do rocio um homem leal a seu rei, do que eu lembrar-me agora do logar onde terei a chave d'uma arca ha tanto tempo inutil e vasia.»

«Perro infiel! — eu te vou recordar quem pôde dizer onde as havemos de achar.»

«Estais hoje, mui excellente senhora, menciencia e irrosa: replicou o thesoureiro-mór, trabalhando por dar ás suas palavras o tom da galantaria, mas visivelmente cada vez mais enfiado e tremulo. — Assim chamais perro infiel ao vosso leal servidor, por causa d'uma chave inutil que se perdeu? — Todavia, dizei quem sabe della, e eu a irei procurar.»

«Generoso e leal thesoureiro! — interrompeu D. Leonor, imitando o tom das palavras do judeu, como quem gracejava — não te des a esse trabalho, por tua vida. Quem pôde fazela apparecer é um velho cão descrido, que mora na communa de Santarem: eu sei de um remedio que lhe restituirá á lingua a preseteza d'uma lingua de mancebo de vinte annos. O seu nome é Issachar. Conhece-lo?»

«Alta e poderosa senhora, vós fallais de

meu pobre pai! — respondeu o thesoureiro-mór, redobrando-lhe a pallidez. — Mas tratemos agora do que importa. Com mil e quinhentas dobras pé-terra e quatrocentas barbudas, que eu disse a meu senhor elrei estarem prestes...»

D. Leonor lançou para o judeu um olhar d'escarneo, e proseguiu:

«Do que importa é que eu trato. Sabes tu, meu querido D. Judas, que sejam as tuas dobrs mil, ou mil e quinhentas, ámanhã a estas horas eu D. Leonor Telles, a rainha de Portugal, estarei em Santarem? Ouviste já dizer que, em não sei qual das torres do alcacer, ha um excellento potro, capaz de desconjuntar n'um instante os membros do mais robusto villão? Veio-me agora á idéa que o velho Issachar amarrado a elle deve ser gracioso, porque tendo vivido muito, constrangido a fallar hade contar cousas incriveis, quanto mais dizer onde está uma chave, cujo paraddouro elle não pôde ignorar. Não aellas tu tambem que é folgança e desporto digno de qualquer rainha o vêr como estouram os ossos carunchosos de um perro de noventa annos?»

Um suor frio manou da fronte de D. Judas, cujas pernas vacillantes se recusavam a sustelo. Quando D. Leonor acabou de fazer as suas atrozes perguntas, o judeu tinha caído de joelhos aos pés della.

«Por mercê, senhora — exclamou elle n'um trance horroroso d'angustia — mandai-me açoutar como o mais vil servo mouro: mandai-me rasgar as carnes com os mais atrozes tormentos; mas perdoai a meu velho pai, que não tem culpa da pobreza de seu filho. Se eu tivera ou podera alcançar mais que as duas mil dobrs e as quinhentas barbudas que offereci a meu senhor elrei...»

«Judeu! — atalhou D. Leonor — tu deves saber tres cousas; a primeira é que os tratos do potro são intoleraveis; a segunda é que eu costume cumprir as minhas promessas: a terceira é que se neste momento d'aperto eu te podesse applicar o remedio, não o guardaria para a ossada holorenta de um lebrêu desdentado.»

«Vendido cem vezes — proseguiu o thesoureiro-mór lavado em lagrymas, e procurando abraça-la pelos joelhos — eu não poderia apresentar neste momento mais que a somma já dita de duas mil e quinhentas dobrs, e quinhentas barbudas ainda que vossa mercê me mandasse assar vivo.»

«És um louco, D. Judas! — interrompeu D. Leonor, afastando de si o judeu com um gesto de brandura. — Por uma miseria de pou-

co mais de quinhentas pé-terra consentirás que Issachar — que teu pai — honrado velho! — pragueje nas ancias do potro contra o Deus de Abraham, de Jacob, e de Moyses?»

O thesoureiro-mór conservou-se por alguns momentos callado, e na postura em que estava. Depois passando o braço de revez pelos olhos, enxugou as lagrymas e ergueu-se. A resolução que tomára era a de um desesperado que vai suicidar-se.

«Aqui estarão senhora — murmurou elle — os dois mil maravedis quando os quizerdes. — Procurarei obter-los; mas ficarei perdido. Agora podeis dar ordem á vossa partida!»

«Adeus meu mui honrado D. Judas — disse D. Leonor sorrindo. — Não perderás nada em ter cedido aos meus rogos.»

Dito isto, sahiu pela mesma porta por onde sahira elrei.

O judeu estendeu os braços com os punhos cerrados para o reposteiro que ainda ondeava, levou-os depois á cabeça, d'onde trouxe uma boa porção das melenas grisalhas. Feito isto tirou da aljubeta uma chave, abriu o cofre pequeno e pulverulento, sacou para fóra um saquitel pesado, sellado, e numerado, e os dois mil maravedis rolaram sobre o grande livro, que ainda estava aberto sobre uma das arcas. Contou-os quatro vezes, empilhou-os aos centos, e como se as forças se lhe tivessem exaurido no espantoso combate que se passava na sua alma, atirou-se de bruços sobre a pequena arca, e abraçado com ella desatou a chorar.

«Meu pobre thesouro, junto com tanto trabalho! — exclamou por fim entre soluços. — Guardei-te neste cofre com medo de te vêr roubado, e os salteadores, vim encontra-los aqui! Mas que se livrem de eu tornar a receber os direitos reaes das mãos dos mordomos. Meus ricos dois mil maravedis de bom ouro, não voltareis sósinhos, quando vos tornardes a ajuntar com os vossos abandonados companheiros!»

Esta idéa pareceu consolar de algum modo D. Judas. Levantou-se, tornou a contar os dois mil maravedis: — desconfiou de que havia engano, e que eram dois mil e um: tornou-os a contar, e quando elrei entrou no aposento, já prestes para cavalgar, tinha o bom do judeu obtido a certeza de que não dava uma pogeia de mais da somma que lhe fôra requerida em nome do potro da torre de Santarem (5).

(5) Aquelles que não conhecerem as opiniões, estado de civilização, e costumes da idade média, medirão o thesoureiro-mór D. Judas por um agenciador de fazenda moderno, como, senão nos engana a memoria, lhe chama com uma ignorancia deliciosa, o Marquez de Pombal em uma lei

«Oh — exclamou elrei, lançando os olhos para cima do enorme folio, sobre cujas paginas amarelladas estava empilhado o dinheiro — temos os dois mil maravedis?»

«Saiba vossa real senhoria, que felizmente tinha em meu poder uma somma pertencente a Jeroboão Abrabanel, o mercador da porta do mar, e de que não me lembrava: ao basculhar as arcas dei com ella: a quantia está completa, e o honrado mercador não levará por certo mais de cinco por cento ao mez, em quanto os ovençaes de vossa senhoria não vierem entregar no thesouro o producto dos direitos reaes vencidos; então pagar-lhe-hei até a ultima mealha a quantia e seus lucros, se vossa senhoria não ordena o contrario.»

«Faze o que entenderes D. Judas — respondeu elrei, que não o ouvira, attento a metter n'uma ampla bolsa d'argempel, que trazia pendente do cinto, os dois mil maravedis. — Tudo fio de ti, honrado e leal servidor.»

E recolhidos os maravedis saiu. O judeu ficou só.

«No inferno ardas tu com Dathan, Coré e Abiron, maldito nazareno!... — murmurou elle — Porem não antes de eu haver colhido os dois... quero dizer, os tres mil e duzentos maravedis, que me tiraste com tanta consciencia quanta póde ter a alma tsnada de um christão.»

Feita esta jaculatoria ao Deus d'Israel, D. Judas ferrolhou interiormente a porta do reposteiro, atravessou o aposento, saiu pela porta fronteira, que tambem ferrolhou, e a bulha de seus passos, que se alongavam, soou aavez dos corredores, por onde passára Fr. Roy, até que por aquella parte do palacio tudo caiu n'um completo silencio. (Continuar-se-ha).

QUEM lê para occupar o tempo toma um divertimento innocente: quem estuda o que lê acha-lhe depois o proveito.

sobre os christãos-novos, e acharão inverosimil a scena antecedente, posto que esteja bem longe disso. A falta de christãos, habilitados para tratarem materias de fazenda publica, obrigou os reis portuguezes a desprezarem a lei das côrtes de 1211 que os inibia de empregarem judeus no seu serviço. Mas esta necessidade não podia destruir o profundo desprezo em que se tinha esta raça, olhada como abominavel em consequencia das convicções politicas e religiosas daquelles tempos, desprezo que em grande parte assentava em bons fundamentos. A idéa que se fazia de um judeu na idade média acha-se expressa na lei 23.^a daquellas côrtes, e pinta melhor o pensar dessas eras a semelhante respeito do que tudo quanto poderemos aqui escrever. «*Os quaes judeus [diz o legislador] assy como testemunho da morte de Jesu-Christo devem a scer defensus, solamente porque som homees.*» Junte-se a isto o caracter cruel, hypocrita, e cubigoso de D. Leonor Telles, tão excellentemente pintado pelo grande poeta-chronista Fernão Lopes, e poder-se-ha então avaliar devidamente a verosimilhança desta scena d'imaginação no meio de outras scenas da vida real desses tempos.